O DESPERTAR

INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS APOSENTADOS E PENSIONISTAS DO BANCO DO BRASIL NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO – ANO XV – Nº 33 • NOVEMBRO 2011

Palavra do Presidente

Prezado associado,

Com esta edição, de número 33, estamos chegando ao fim de mais uma etapa na vida do nosso informativo. Quinze anos atrás, quando do surgimento do primeiro número, no mês de junho de 1996, vale recordar que "ele veio ao mundo" através do sistema de impressão por um mimeógrafo alimentado a álcool, com a seguinte manchete: "Este boletim tem a intenção de tornar-se um grande jornal. Tudo depende de sua colaboração". Da intenção, veio a prática.

Hoje, orgulhosamente, podemos realçar que ainda não nos tornamos "um grande jornal", mas conforta-nos saber que o nosso informativo amadureceu e cresceu bastante e, pelo que nos consta, encaixa-se no gosto dos nossos associados. Mas ele não está sozinho nessa caminhada. Conta com a companhia da sua célula-mãe que outra não é senão a Associação dos Funcionários Aposentados e Pensionistas do Banco do Brasil no Espírito, a nossa AFABB-ES.

De uma história já aqui contada, a 26 de junho de 1996 ela foi criada por um grupo de 44 funcionárias aposentadas, e hoje congrega 626 associados espalhados por todo o Estado. E é em cima desse saudável corpo social que, há quinze anos, nos apoiamos para o lançamento do número 1 do nosso informativo, e é dele, o corpo social, que vem a maior dose de colaboração para a nossa existência.

Seja pela leitura amena que procuramos orientar nossas matérias, seja, ainda, pelas sugestões, entrevistas e pequenas crônicas que estão sempre a valorizar as nossas edições semestrais. Regozijemo-nos, então, pelo 15º aniversário da AFABB-ES, ocorrido a 26/06/2011, comemorado simultaneamente com a já tradicional festa de confraternização anual, este ano realizada em 18/11/2011, de que nos ocupamos em reportagem à parte.

Feliz Natal a todos.

Luiz Álvaro de Barros Faria

Festa de 15 Anos

Foi a 26 de junho de 1996 que ela nasceu e essa história já foi aqui contada. Contada e fartamente comentada. Estamos nos referindo ao aniversário de quinze anos da minha, da sua e da nossa entidade, que depois do batismo recebeu o nome de Associação dos Funcionários Aposentados e Pensionistas do Banco do Brasil no Espírito Santo, a nossa simpática AFABB-ES.

Por motivos administrativos de ordem interna, a diretoria entendeu por bem realizar, ao mesmo tempo, num só evento, a comemoração dos quinze anos de existência da associação e a festa anual de confraternização natalina, que, neste ano, foi realizada no dia 18 de novembro último, nos salões do amplo cerimonial Oásis, bairro de Santa Lúcia, aqui na capital.

No que tocou à marca dos quinze anos, o presidente Luiz Álvaro fez um breve relato da história da criação da associação – que nasceu mulher porque foi fundada por um grupo de 44 colegas aposentadas – do caminho percorrido até aqui, das dificuldades emergentes, das superações, das vitórias, até o ponto em que hoje nos encontramos, em confortável situação, com 626 associados e uma acolhedora sede própria.

A partir da palavra do presidente, que destacou o trabalho da colega Ana Ignez Zorzal para a concretização deste evento, no impedimento da titular Dalila, que encontra-se sob cuidados médicos, a alegria correu solta, ao som da banda Grupo Léo e os Lambretas e quase faltou espaço para acomodar os dançarinos de plantão.

O que não faltou foi o salutar momento da confraternização, quando velhos companheiros se encontraram para "matar as saudades", o esperado sorteio de valiosos brindes, tendo como "carro-chefe" uma linda cesta natalina que fez a alegria da família da sortuda Ana Cândida Gomes Rocha.

Um fino jantar para trezentos e trinta e cinco talheres marcou o ponto alto da bonita festa deste ano, que contou com a presença de inúmeros colegas, como Harald Dietze, João Gilberto Machado Moura, José Carlos Ferreira, Celino de Souza Lima, Antônio Caser, Carlos Dório Bortolini, Dório Affonso, Dr. Walter Arantes dos Santos, Dr. Ary Lopes Ferreira, Sebastião Cesquim, Maurílio Fonseca Rezende, José Lugon, Átila de Freitas, Célio Campos de Freitas, Tácito Lyrio dos Santos, Francisco Carlos Torres Ferreira, Valdir Antônio Sperandio, Guilherme Abaurre Sobrinho, Jayme Turra, Francisco Ricardo Ventura Filho, Washington Boni de Souza, Arízio Rodrigues, Helmar Potratz, Roberto Pimentel, Édson Piantavinha Barreto, Maria Gorete Barone, Ângelo Botelho de Almeida, Sebastião Pinheiro, Júlio Lube, além de representantes da CASSI e das associações de aposentados do Banestes e da Caixa Econômica, tudo flagrado pelas lentes do fotógrafo e colega aposentado Jacson José Maria.

A Montanha Vai a Maomé

"Alô, é da AFABB-ES? Quando é que Linhares vai receber a visita anual de vocês, para trazer-nos as novidades?".

"Possivelmente em novembro, em data ainda a ser fixada", foi a nossa resposta.

Esta ligação telefônica aconteceu no mês de setembro último, quando o nosso jornalzinho ainda não tinha ido para a gráfica. Mas agora, neste final de novembro, estamos aptos para descrever como transcorreu o programa "A montanha vai a Maomé", quando a AFABB-ES se desloca fisicamente para três cidades do interior, a fim de interagir com nossos associados dessas regiões na troca de assuntos que interessam a todos.

E este ano não foi diferente. Nos dias 7, 9 e 11 de novembro estivemos, respectivamente, em Santa Teresa, Cachoeiro de Itapemirim e Linhares, em cujas ocasiões tivemos ensejo de transmitir aos associados dessas regiões as informações que sempre nos dizem respeito.

Desta feita e nas duas últimas cidades, as nossas reuniões contaram com a participação do gerente regional da CASSI, senhor Ricardo Alexandre Ruz e da coordenadora do Conselho de Usuários da mesma CASSI, colega e associada Maria da Penha Costa Calmon Rodrigues.

Todas as três reuniões foram muito concorridas, onde reinou um clima de harmonia na troca de ideias e debates. Ser-nos-ia honroso relacionar nominalmente a presença de todos, mas, por falta de espaço, registramos, apenas, a presença de alguns diletos associados das três cidades visitadas, tais como: Antônio Ângelo Zurlo, Claudecir João Sperandio, Genizélio Bianor Bringuenti, Manoel Clemente Netto, Nestor Schineider, Jorge Generoso do Nascimento, Yolanda Moreira da Fraga, Dimas Magnago, Alcidea Nunes Quinelato, Fernando Antônio Cruz, Genildo Hautequest, Odilon Nogueira Marques, Maurício Luiz Daltio, Rodolfo Almeida de Castro, Maria Madalena Fraga Acha, Sebastião Cesquim, Ayrton José dos Santos, Henrique Luiz, Walter Manhães de Andrade, Elédio Braz Dalmaschio, Marina Célia Freitas, Jorge José Debacher, Pedro Carlos Gasparini, e outros.

Esperamos repetir, no próximo ano, o mesmo roteiro de tão saudáveis encontros.

SANTA TERESA

CACHOEIRO

LINHARES

Encontro de Xerém

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES SE REÚNE EM XERÉM

Como faz todos os anos, a FAABB (Federação das Associações de Funcionários e Pensionistas do BB) reuniu-se no dia 16/07/2011 na sede campestre da AAFBB localizada em Xerém, no Estado do Rio, a cujo evento compareceram representantes de 23 afiliadas espalhadas pelo país.

Do longínquo Pará ao também distante Rio Grande do Sul, surgiu um grupo homogêneo de diretores e funcionários, alguns dos quais acompanhados de familiares, que lotaram as dependências da simpática e acolhedora sede campestre da mais antiga das associações de aposentados, a AAFBB, ali representada pelo seu presidente Gilberto Mattos Santiago e pelos conselheiros Aldo Alfano e Maria Célia Larichia.

A pauta dos trabalhos, levada a cabo no sábado, dia 16, esteve confiada à presidente da FAABB Isa Musa de Noronha, que mais uma vez demonstrou competência para encargos da espécie.

Durante o evento, que contou com a participação do diretor de seguridade da Previ José Ricardo Sasseron, aconteceu a eleição do colega José Eduardo Pontes, AFABB-PA, para presidir o conselho deliberativo da FAABB durante os dois próximos anos.

Nesse marcante acontecimento, a AFABB-ES se fez representar pelos diretores Aquiles Paula de Freitas e Dalila Cavalcanti, dada a impossibilidade de ali comparecer o presidente Luiz Álvaro, por motivos de força maior.

Findos os trabalhos, um animado churrasco com a marca gaúcha selou a cerimônia de encerramento do proveitoso encontro.

Conheça um pouco mais a história do nosso colega

José Alves de Oliveira

"Leva lá pro Oliveira resolver esse problema!"
"Rodrigues, passa essa incumbência para o Oliveira, que ele dá jeito."
"Peça ao Oliveira para dar um pulinho aqui na Gerência."
"Não sei te explicar. Procure o Oliveira aí no setor de Empréstimos."

Frases como estas estavam diariamente na boca do Gerente, senhor Dermeval, e davam o indicativo de que o seu principal assessor, o seu homem de confiança, era o colega José Alves de Oliveira, Chefe do Setor de Empréstimos da agência Vitória, quando ainda funcionava na Avenida Jerônimo Monteiro. E era mesmo. Chefe Oliveira, assim tratado carinhosamente por seus comandados, era o substituto eventual do Contador, ou seja, a segunda pessoa mais importante da agência. Nas interinidades, teve ensejo de deixar a marca da sua competência, da sua lealdade para com os colegas e da hombridade com que se houve no desempenho da sua bonita carreira.

O Banco do Brasil nunca lhe rendeu uma homenagem. Mas o hoje consagrado cheque especial criado com o nome de cheque-ouro, nada mais é do que um espelho de uma sugestão que o Oliveira encaminhou ao Banco, muito antes, com a denominação de "cheque pré-visado" e que funcionaria nos moldes do que posteriormente o Banco implantou.

Hoje, curtindo merecida aposentadoria, aos 91 anos, vivendo num belíssimo rancho em Domingos Martins, ao lado da segunda companheira Laurineia e do filho João Henrique, de onze meses, não esconde o seu contentamento:

"Aqui, pertinho do Céu, não vejo a velhice chegar. Rejuvenesci".

Sem delongas, com a palavra, o Chefe Oliveira.

Primeiramente, quero expressar minha alegria aos queridos amigos dirigentes da AFABB-ES pelo gentil convite para esta entrevista, pois continuo amando a todos os colegas e também ao Banco do Brasil.

Sou associado das seguintes associações: AAFBB, ANABB, UNAMIBB, APABB, CREDBRASIL, AABB-Vitória, AABB-Rio de Janeiro (sócio proprietário, colaborei com a construção da sede da Lagoa, que não conheço) e COOPERFORTE. Considero-me um cooperativista. Ao colega Aquiles Paula de Freitas, felicito por suas Historinhas do BB e agradeço mais uma vez pelo ótimo relacionamento que sempre tivemos no Banco, e fora dele.

Nasci na vila praiana de Itacurussá, município de Mangaratiba (RJ), em 12/09/1920. transferindo-me para Vitória aos sete anos. Meu pai nasceu em Jacareí (RJ) e minha mãe descendente da tradicional família Almeida, de São Mateus. Minha avó foi genitora de 24 filhos, analfabetos, sendo que apenas o primogênito galgou os bancos escolares superiores, tendo se formado em engenharia ferroviária. Tratava-se do Dr. Ceciliano Abel de Almeida, cuja vida pública deixou indeléveis marcas da sua dignidade e competência profissional.

Do meu primeiro casamento, mantenho dois inigualáveis tesouros: Jane e Maria Emília, integrantes, ainda hoje, do cordel que enche de alegrias a minha vida. Tive infância normal, como todo garoto pobre. Durante o meu estudo no curso primário, morei no Externato Júlia Penna, porquanto, aos dez anos, fui obrigado a sair de casa em virtude de doença contagiosa contraída por meu pai.

Em troca dos estudos e da moradia e da comida, prestava serviços rotineiros para dona Júlia, saudosa professora e proprietária do colégio que levava o seu nome. Posteriormente, após a conclusão do primário, fui viver na companhia de um tio, quando, também em troca de tarefas variadas, tive ensejo de concluir o curso ginasial de cinco anos.

Meu sonho era estudar engenharia mecânica, por conta de minha paixão pela Matemática, mas Vitória, àquele tempo, só abrigava as faculdades de Direito e de Farmácia. Sem amparo financeiro de qualquer fonte, vi-me impossibilitado de custear estudos em outra capital. Optei, então, pelo curso noturno de Contador, que concluí com bastante sucesso.

O concurso do Banco do Brasil atraía a atenção de todos os rapazes da época. Não fugindo à regra, fiz minha inscrição e prestei provas para a carreira de Escriturário, cuja aprovação me levou à posse em 23/06/1942, na agência de Sobral (CE), depois de uma viagem de navio até Fortaleza, na "modalidade" black-out, em plena guerra mundial, margeando a costa e sob o temor de torpedeamentos. Ao passarmos pelo litoral de Alagoas, soubemos do torpedeamento de dois navios brasileiros por submarinos alemães e, ao chegarmos a Fortaleza, tivemos a notícia de que o "Almirante Jaceguay", pertencente à frota do antigo Lloyd Brasileiro, fundeado na capital cearense, foi também torpedeado. Nessa mesma viagem, em uma das embarcações sinistradas um dos passageiros era um professor de educação física, aqui do Espírito Santo, cuja identidade me escapa.

Um mês após a minha posse, saiu a convocação da classe de reservistas de 1920 em face da declaração de

guerra do Brasil à Alemanha, o que deu motivo ao Gerente da Agência para a indicação de dois funcionários recém-empossados, entre os quais este modesto entrevistado. Argumentei com o meu gestor que a convocação de reservistas obedecia ao processo nominal, mas ele foi irredutível. Quedei-me à sua vontade, ainda mais que a condição de "precário" me era inteiramente desfavorável.

Meio contrafeito, embarquei para Fortaleza num caminhão "pau-de-arara", e daí para Natal no "tombadilho" de um navio "Ita". Como veem, eu também "peguei um Ita no Norte". Em Natal, fui incorporado ao 16º Regimento de Infantaria como soldado raso. Meses depois, obtive aprovação em concurso de seleção e ingressei no Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva – NPOR, em cujo estágio obtive a dispensa do Exército e fui deslocado para prestar serviços ao Banco do Brasil como civil, o que veio a coincidir com o meu principal objetivo.

Dois anos depois, diante da ascensão ao "posto" de Aspirante, tive de retornar ao Exército para cumprir estágio probatório, depois do que fui "elevado" à categoria de 2º Tenente. Orgulho possuir esse diploma assinado pelo então Presidente Getúlio Vargas, de quem partira a ordem da convocação da classe de 1920.

Pelo tempo servido ao Exército em zona de guerra, sou considerado ex-combatente, sem as vantagens pecuniárias. Obtive ganho de causa em 1ª e 2ª Instâncias da Justiça Federal, mas não logrei êxito no Supremo em Brasília. Tive direito a um soldo amparado na chamada Lei da Praia para os militares que serviram ao país durante a Segunda Guerra, igualmente recusado na capital federal.

Cumprido o tempo regulamentar no Exército, retornei ao Banco, transferido para a agência de Vitória (ES), em cuja unidade trabalhei durante 28 anos, até a minha aposentadoria ocorrida em 01/03/1973.

Tendo tomado posse no posto inicial de Escriturário letra "A", atingi, no quadro da Carreira de Contabilidade, o grau máximo de Chefe de Seção. Em funções comissionadas, exerci os cargos de Ajudante de Serviço (Ordens de Pagamento), Chefe de Serviço dos setores de Cobranças, Depósitos, Contabilidade, Empréstimos, Cadastro, Serviços Gerais da Subgerência, e substituto eventual do Contador e do Gerente, tendo assumido esses dois últimos cargos por vários períodos.

Em uma dessas interinidades – na Contadoria – sobreveio um incidente entre mim e um colega também comissionado como Chefe de Serviço, que, de modo acintoso, recusara o cumprimento de uma determinação minha, sob a alegação de que "era mais velho de Banco" do que eu. No cumprimento de minha obrigação de segundo gestor da agência – ainda que interinamente –, levei o fato ao conhecimento do inspetor presente, de maneira informal, de sorte a não "manchar" a fé de ofício do colega, porquanto era nesse embasamento o meu feitio de trabalho. A meu pedido, desse contratempo não emergiu qualquer punição contra o colega rebelde. No que me tocou, simplesmente abdiquei do desejo de concorrer à efetivação no cobiçado posto de Contador.

Nessa mesma época do ano e atendendo a pedido da então SUMOC – Superintendência da Moeda e do Crédito, embrião do futuro Banco Central, procedi a duas inspeções no antigo Banco Mercantil do Espírito Santo voltadas para a evolução na captação de depósitos, que resultaram na determinação do órgão fiscalizador de determinar a liquidação extrajudicial desse banco.

Logo após, ao assumir interinamente a Contadoria da agência, levei a cabo uma limpeza geral nos arquivos, tendo encontrado, na Caixa-Forte, as seguintes peças valiosas que encaminhei ao Museu do Banco, no Rio de Janeiro: 1. recibo de um líder da Revolução de 1930 em que dizia ter recebido certa quantia para despesas do Movimento. 2. Uma máquina de escrever de marca desconhecida, com cerca de 30 centímetros de largura e uns seis de altura, verdadeira relíquia. O modelo lembrava as máquinas elétricas mais modernas.

Nessa faxina, encontrei o primeiro Livro-Caixa da agência, que posteriormente levei para o prédio novo, hoje Agência Pio XII, enquanto que, por falta de espaço, foi incinerada no 3º Batalhão de Caçadores uma grande quantidade de documentos de caixa e diário, com prazos de validade vencidos. Quando da implantação dos caixas-executivos, na inauguração do prédio próprio, em 1968, tive ensejo de contribuir para essa mudança, após o que fui convidado para assumir importante função no DESED, Rio.

Antes, minha formação bancária deu-se quando comecei no Banco de Crédito Rural do Espírito Santo – Ruralbanco, e aí permaneci durante três anos, hoje BANESTES – Banco do Estado do Espírito Santo S.A. Foi, digamos assim, o trampolim para o meu ingresso no Banco do Brasil.

Nesta nossa Casa, foram mais de trinta anos de muito trabalho e muita felicidade, pois no serviço reinava o ambiente de uma verdadeira família. Como tenho saudades daqueles tempos e da maioria dos colegas com os quais convivi. Descendente de família pobre, costumo dizer que devo tudo que tenho ao Banco, inclusive as sinceras amizades que ali conquistei.

Nos primórdios de minha carreira, fui acometido de uma infestação de ameba histolítica e outra de xistossomose, pois o Banco não alertava os funcionários recém-nomeados para áreas contaminadas.

Idealizei e fundei a Cooperativa Mista dos Funcionários do Banco do Brasil no Espírito Santo Ltda., com o núcleo inicial de 100 associados, merecendo destaque os colegas do meu setor, especialmente Guilherme Abaurre Sobrinho, Willy Pacheco, Walter Vilela dos Santos, José Cândido e o professor Mário Ferreira do Sacramento.

Com três anos de funcionamento, a cooperativa, mal administrada, passou por apertada crise, sendo atingida por vários títulos protestados. Visando o saneamento do problema que tenderia a se agravar, um grupo de colegas "exigiu" que eu, na condição de "pai da criança", assumisse a presidência, para a busca de uma solução salvadora.

Posteriormente, fui eleito presidente, tendo exercido esse cargo sucessivamente durante nove anos, sem ônus para a entidade. Por discordar de medidas adotadas por outros diretores, optei por renunciar ao mandato, na oportunidade da minha aposentadoria do Banco, ocorrida em março de 1973.

O Brasil é considerado um "cemitério de cooperativas". Aqui em Vitória, e quiçá no Estado, a maioria delas faliu, aí incluídas algumas de funcionários do nosso Banco. Acredito que esse fato decorre de os gestores eleitos não serem cooperativistas, desconhecedores da doutrina que rege o sistema e que postam, à frente, os seus interesses pessoais, como bons honorários.

Orgulho-me de dizer que exerci, gratuitamente, por longo período, a presidência da nossa cooperativa, cumulativamente às minhas tarefas no Banco, enquanto outros diretores atrelavam os seus cargos à comissão de Chefe de Serviço, às expensas do Banco. Administrações que me sucederam, pouco experientes, não conseguiram fazer frente à concorrência dos supermercados que chegavam, "à toda", do que veio a resultar na sucumbência da nossa cooperativa.

Lamento que, na condição de fundador, não fui convocado a participar

da assembléia que decretou a sua dissolução. Nossa cooperativa era destaque entre suas congêneres no país, segundo dados que eram divulgados pelo INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Na minha gestão, obtivemos vitória judicial em Brasília contra a cobrança de ICM, hoje ICMS, sob o argumento da implantação de uma contabilidade específica, distribuição de mercadorias a preço de custo e provisão para despesas futuras proporcionalmente às compras efetuadas pelos associados. Muito tempo não demandou e a gestão que me sucedeu voltaou a pagar o dito imposto espontaneamente.

Guardo comigo carta do Chefe do antigo DESED contendo elogios à nossa administração. Quando, a trabalho, a agência de Vitória recebeu a visita do então Presidente do Banco, Dr. Nestor Jost, tivemos ensejo de também acolhê-lo na cooperativa na fase de construção da sede própria, ocasião em que fui sondado para a função de Interventor na congênere de Salvador (BA) ou São Paulo (SP).

Declinei cortezmente do gentil convite, por motivos de força maior que se me depararam, à época. No meu último período como Presidente, fui sondado, informalmente, por alguns membros do Tribunal de Justiça, quanto à possibilidade de os senhores desembargadores também se associassem à nossa cooperativa. Por motivos óbvios e também estatutários, a proposição não foi acolhida.

A construção da sede própria só se concretizou graças a uma "engenharia financeira" que começou com a venda do terreno da Rua Barão de Itapemirim, aumento de capital de abnegados associados, cujos recursos nos propiciaram a aquisição do terreno da Avenida Princesa Isabel. Posteriormente, a venda desse terreno gerou um considerável lucro e se juntou à doação do Banco para fins específicos, para que, finalmente, pudéssemos realizar o sonho da sede própria, levado a cabo no terreno da Rua Raimundo Nonato, onde a nossa sede, pomposamente, funcionou por longos anos.

Hoje, o Banco não mais concede auxílios a cooperativas e associações recreativas de seus funcionários. A convite do dileto amigo e colega Dr. Ary Lopes Ferreira, cooperativista de boa cepa, fui convidado e aceitei o cargo de Diretor-Tesoureiro da OCES – Organização das Cooperativas do Espírito Santo, num período de dois anos.

Exerci, sem qualquer ônus para o erário público, por um longo espaço de 39 anos, o cargo de Presidente da Liga Espírito-Santense Contra a Tuberculose – LESCT, que tinha o objetivo precípuo de combate a essa doença e ao vício do tabaco. Esse importante órgão foi extinto posteriormente pelo Governo Federal, para se incorporar ao programa de controle à saúde do trabalhador.

À custa de um modesto trabalho, consegui trazer para Vitória a representação da AAFBB – Associação dos Antigos Funcionários do Banco do Brasil, à frente da qual permaneci durante 20 anos, inclusive na condição de seu primeiro associado inscrito no Espírito Santo. Essa representação funciona ainda hoje em espaço cedido pelo Banco no prédio da agência Pio XII, entregue à administração do colega Humberto Del Maestro, que tem a auxiliá-lo a eficiente Edina Pupipin, ali por mim admitida aos catorze anos de idade.

Exerci a função de secretário da AABB-Vitória, ao tempo em que foi seu presidente o colega-irmão Magid Saade. E com esse dileto amigo, ostento o orgulho de ter sido seu colega nos bancos escolares do Jardim de Infância, no Ginásio Espírito Santo, na Academia de Comércio de Vitória e, até nossas aposentadorias, nesta grande Casa chamada Banco do Brasil. A amizade construída com o "turco" e com outros tantos colegas, leva a chancela da sinceridade e o rótulo de validade para toda a vida.

No Banco, assisti a alguns casos curiosos. Certa feita, um colega apareceu no trabalho com uma caixa de sapatos toda furada e disse que ali continha um porquinho da índia que iria levar para os seus cunhadinhos. O que não faltava no nosso setor era o espírito alegre e descontraído de todos. Pusemos essas qualidades em ação e, de pronto, removemos o bichinho da caixa furada e, em seu lugar, colocamos um pequeno vidro vazio que, ao rolar dentro da caixa, dava a impressão de que o pequeno animal estava se movimentando.

O motorista do sogro desse colega incumbiu-se de levar o "mimo" para as crianças, mas foi acionado a trazê-lo de volta, pois no seu interior encontravam-se apenas restos de comida. Sem entender nada, a esposa do colega esbravejou e, com o apoio dos frustrados cunhadinhos, pediu explicações. A tranquilidade voltou a reinar no ambiente, visto que o colega entendeu perfeitamente a brincadeira – a despeito da bronca da patroa –, e depois de o bichinho voltar à caixa furada, para, finalmente, fazer a alegria dos cunhadinhos aflitos.

Este era o clima do nosso setor. Brincávamos, é bem verdade, mas ali reinava o clima salutar da boa convivência. Todos trabalhávamos com prazer. De outra feita, há o registro de uma viagem de numerário para suprimento à agência de Governador Valadares (MG). Tais viagens – de trem ou de ônibus – eram feitas por dois funcionários que, por medida de segurança, portavam um revólver calibre 38, como que a dar proteção aos pesados sacos de dinheiro.

Madrugada de uma segunda-feira, os portadores Oliveira e Sacramento, em meio a uma grande multidão, embarcaram na Estação Pedro Nolasco, com destino àquela cidade mineira, com uma enorme mala de dinheiro e os pesados "trezoitão" à cintura. O Mário, educação refinada sempre à mostra, nem queria colocar o "instrumento" em volta da barriga, pelo fato de nunca ter lidado com essa atividade. Quanto a mim, com o "diploma de Oficial do Exército" a tiracolo, a tarefa foi moleza.

A curiosidade dessa época era que todo carregador de malas, todo motorista de ônibus conhecia a "mala de dinheiro do Banco do Brasil". E nada acontecia. Nesse trajeto, parada em Colatina para o almoço, sempre com a mala "colada" aos nossos pés. Viagem que seguia e, à noite, na altura de Resplendor, o comboio para de repente, em virtude do descarrilamento de um vagão que transportava minério de ferro.

Lugar ermo, todo mundo desceu do trem, grande aglomeração de trabalhadores, um barulho ensurdecedor, nós com o peso da mala de dinheiro nas costas, e receosos de que alguém descobrisse o seu conteúdo. A pé, em meio à escuridão, tivemos de caminhar cerca de dois quilômetros para embarque em outra composição.

Inusitadamente, esse trem teve de trafegar de "marcha à ré", lentamente, até a chegada a Valadares, dia seguinte, com sol a pino. Felizmente, a salvos: eu, o Mário e o dinheiro. Parecia festa na "gare", tal a quantidade de pessoas que aguardavam a chegada do trem, inclusive os administradores da agência, preocupados com os portadores e a valiosa carga que eles conduziam. Felizmente, tudo terminou bem. Imaginem se fosse hoje!

Tão logo "pendurei as chuteiras", recebi amável convite do gerente Harald Dietze, colega e grande amigo, para assumir a gerência da COBEC – Cia. Brasileira de Entreposto e Comércio, que era uma "trade company" de propriedade do Banco. Acedi a essa

deferência, e por lá, durante exatos seis anos, emprestei modesta colaboração na condição de gerente geral. A despeito de tratar-se de uma experiência nova, muito aprendi no envolvente campo do comércio exterior. Durante a minha administração, adquirimos um velho armazém, reformulamo-lo por completo e a nossa gestão teve o coroamento de pleno êxito. Por injunções e intromissões da política, a COBEC teve vida curta. Faliu.

De um pólo ao outro, o que hoje impera no campo da violência, já deixa rastros de alguns anos atrás. Vítima de um planejado assalto, perdi um irmão cruelmente assassinado em nossa casa de Manguinhos, no ano de 1977, alvejado por armas de grosso calibre, em poder de perversos bandidos. Quanto a mim, nessa mesma trilha, passei por momentos difíceis quando estive sob a mira de armamento pesado, no interior de um escritório comercial em Bento Ferreira, em 1982, tratando da venda de um imóvel.

Voltando ao devaneio, tenho a alegria de dizer que resido há 21 anos no meu sítio "Pertinho do Céu", nas benfazejas montanhas de Domingos Martins, com a nova companheira Laurinéia Krohling e o João Henrique Krohling Alves de Oliveira, o adorado filho de 11 meses de idade, a quem conferimos o título de o "rei do pedaço".

Exercendo atualmente as funções de agricultor, pedreiro, carpinteiro, eletricista, bombeiro, vendedor de saúde, sinto o prazer de dizer que não vejo a velhice chegar. Pelo contrário, acho até que, com o leite e as águas aqui da serra, rejuvenesci.

Nesta época propícia do ano, desejo que todos os meus colegas e amigos sejam como eu: felicíssimo com a vida. Reitero, por oportuno, o convite tantas vezes formalizado, para uma visita a este meu paraíso, com direito a almoço caprichado, vinho da região, e tudo mais que nos leve a resgatar a saudade que sinto de todos.

Sempre ao dispor de vocês.

SOCIAIS

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Taí um programinha de amplo sucesso integrante da agenda da diretora social Dalila Cavalcanti. Trata-se da festinha **"Aniversariantes do Mês",** que vimos desenvolvendo, todos os anos, a partir de março, logo depois do carnaval.

Esse evento tem ocorrido, sistematicamente, na última quinta-feira de cada mês, e sempre no horário das 16:00 horas, na sala de visitas da associação. Com quatro ou cinco dias de antecedência, os associados que contam nova idade são contatados e cumprimentados por telefone, ao mesmo tempo em que recebem o convite para participarem da festinha a eles dedicada, em data aprazada.

Não é necessário dizer o clima de descontração que preside tais solenidades, simples, é bem verdade, mas que vêm preenchendo satisfatoriamente o fim colimado, qual seja o da aproximação e o congraçamento entre os nossos associados. Salgadinhos, refrigerantes, bolo de velas, "causos" e sorteio de brindes selam estas descontraídas festinhas, como demonstrado na foto que ilustra esta nota.

SEGASP
Seguro de Vida AABB-São Paulo
O NOSSO PARCEIRO DE SEMPRE

O DESPERTAR

Informativo da Associação dos Funcionários Aposentados e Pensionistas do Banco do Brasil no Estado do Espírito Santo – AFABB-ES

Av. Desembargador Santos Neves, 389 - Sala 305
Ed. Escort - Praia do Canto - CEP 29055-721 - Vitória - ES
Tel.: (27) 3324-5719 - Fax: 3315-6762

Internet: www.afabbes.org.br - afabbes@afabbes.org.br / **Presidente:** Luiz Álvaro de Barros Faria / **Diretora Social:** Dalila Cavalcanti / **Diretor Administrativo:** Aquiles Paula de Freitas / **Diretora Financeira:** Maria Odete Moschen / **Diretor Jurídico:** Dr. José Antonio da Silva Campos / **Circulação Bimestral:** Tiragem de 700 exemplares / **Editoração e Impressão:** Gráfica Sodré

Historinhas do BB

Aquiles Paula de Freitas

Como de hábito, este espaço vem sendo preenchido por historinhas que, ao longo dos anos, me vêm sendo passadas, ora através de narrativas de colegas que as vivenciaram, ora pela minha própria participação, como costumo plagiar de na condição de "testemunha ocular da história". E a maioria delas se volta para o lado alegre, jocoso, hilário e passam a integrar o elenco de milhares de outras, abrigadas num velho jargão que dizia: histórias não escritas e não contadas do Banco do Brasil.

A de hoje, enfeixada nesse antigo ditado, contém enredo e epílogo diferentes, e, numa coincidência que gostaria de nunca ter acontecido, reflete uma dupla homenagem. A primeira, a um saudoso colega e destemido homem de prestígio chamado Armando Delácio, e a segunda a uma saudosa e idolatrada criatura chamada Clécio Chrispim de Freitas, o primeiro dos seis irmãos a atender, no dia 09 de janeiro de 2011, ao chamamento do Pai.

Pela humildade, pela bondade, pela honradez que ele aqui semeou, foi-lhe, decerto, ao lado do Delácio, reservado um lugar de descanso merecido.

O selo da minha dupla homenagem está intrinsecamente ligado à historinha abaixo.

Homem de Prestígio

O título desta historinha tem a finalidade de prestar homenagem a um colega que, efetivamente, ainda que "post mortem", merece o resgate de uma grande gratidão.

Vou logo identificando o agraciado, porquanto, de há muito, estava por deixar registrado o nome desse mineiro de quatro costados, natural de Faria Lemos, hoje próspero município vizinho a Carangola (MG).

Lá pela volta da década de 60, transferido da cidade de Caratinga (MG), assumiu a gerência da agência de Guaçuí (ES), o cidadão Armando Delácio, filho de seu Januário. Homem de fibra, de baixa estatura, não deixava nada para o dia seguinte. Apregoava que toda administração tem de ser dinâmica.

Destemido, não era de guardar desaforos de clientes mais impetuosos. Aqueles que gostavam de ganhar tudo no grito – os fazendeiros daquela região, à época, infelizmente, tentavam sempre levar a melhor – tinham, à altura, respostas e soluções firmes, rotuladas de acentuadas doses de coragem. Um trezoitão adormecido na gaveta direita de sua mesa de trabalho era o seu companheiro inseparável. Se tivesse de "encarar", era bom sair da frente.

Ao lado de sua condição de homem corajoso e resoluto, estava a figura de um funcionário exemplar, dedicadíssimo às coisas do Banco e que deixava, por onde quer que passasse, a marca de um administrador competente, conhecedor a fundo das normas regimentais, as quais sempre se refletiam nos excelentes resultados financeiros ostentados pelas agências confiadas à sua segura direção.

Não apenas isso estava a lustrar o seu rico currículo. Era um homem de prestígio. Sabendo disso e depois de ter firmado uma boa amizade com ele, lembrei-me de que eu tinha o compromisso de "encaixar" um terceiro irmão nas "categorias de base" do Banco do Brasil. Arrisquei uma indagação interesseira:

– Sr. Delácio, o senhor, por acaso, não conhece alguém de influência lá na Direção Geral?

– Conhecer, eu conheço. Só isso que você quer saber?

– Não sr. Armando. É que eu tenho um irmão desempregado lá em Cachoeiro de Itapemirim...

– Já sei, você quer um emprego de servente ou contínuo para ele, não?

Depois de lhe dar uma resposta afirmativa e de contar toda a história do mano, arvorei-me em dizer que ele "toparia" trabalhar em qualquer lugar do Brasil, para "facilitar as coisas".

– Não sei se vai surtir algum efeito, mas posso dar um bilhetinho e você terá de procurar lá na Superintendência, no Rio de Janeiro, um velho amigo chamado Belmiro Tibau.

Resgatei umas poucas folgas que tinha e peguei o primeiro ônibus da linha Guaçuí/Rio de Janeiro, recém-inaugurada. Viagem noturna, percurso de doze horas, finalmente a Cidade Maravilhosa. Por volta do meio-dia, e eu já galgava o 4º andar do edifício

da Rua Primeiro de Março 66, sede da Direção Geral, à procura do sr. Belmiro Tibau.

– O sr. Belmiro não trabalha mais aqui, moço. Já faz algum tempo que ele foi transferido para o Serviço de Compensação de Cheques da Agência Central que funciona aqui pertinho, na Rua da Alfândega.

Essa resposta, de um delicado funcionário da SUPER, soou na minha cabeça como se fosse um balde de água fria.

Sem perda de tempo, tomei o caminho da Rua da Alfândega, a tempo, ainda, de ali chegar antes do horário do almoço. O colega educado que me atendeu foi rápido na resposta:

– O sr. Belmiro faz horário noturno. Ele pega à meia-noite e vai até às 06:00. O nosso expediente aqui, para o público, se encerra às dezesseis horas.

Nada mais restando a fazer naquele dia, recolhi-me ao hotel de três estrelas da Rua Pedro I e, logo na entrada, fui pedindo à recepcionista que me acordasse no dia seguinte às 05:00, a fim de que eu pudesse "pegar" o Belmiro, às 06:00, na saída do seu turno. Não deu outra. Enfim, preparava-me para estar, frente a frente, com o homem forte da SUPER.

E foi o que não aconteceu. Depois de ler o bilhetinho do Delácio, o Tibau indagou:

– Em que posso ser útil ao colega?

Ante a minha dissertação, outro balde de água fria:

– Há mais de nove meses eu fui desligado da SUPER e, sinceramente, não sei se vou encontrar lá os colegas que antes tanto me prestigiavam. Sem nenhuma promessa, poderemos tentar. Estou indo pra casa dar uma descansadinha, tirar um cochilo, mas às 15:00 horas pode me esperar na porta do elevador. Ok?

Que 15:00 horas que nada. Lá estava eu, firme como uma estátua, exatamente às 14:45, horário de Brasília. Homem de palavra tava ali. Pegamos o elevador de sanfona e rapidamente adentramos o gabinete da Superintendência. Nos corredores e antessalas ficou logo patenteado que o sr. Tibau ainda gozava de muita amizade lá, tais os cumprimentos, os sorrisos e as reverências que os colegas lhe faziam.

Enfim, deparamo-nos com o Chefe do Gabinete, senhor José Bonifácio Gomes de Castro. Moreno escovado, muito bem barbeado, de sorriso largo e extremamente elegante na maneira de receber e tratar as pessoas que lhe procuravam.

– Quanto tempo, Tibau! Muito prazer em revê-lo. Algum problema lá na COMPE? Estamos todos com saudades de você. A que se deve o prazer da visita?

– A honra é minha, sr. Bonifácio, em voltar à sua digna presença. Sei calcular com precisão o tamanho do seu prestígio no Banco, desde o tempo da sua estrondosa vitória na eleição para presidente da AABB-Lagoa, quando o senhor deixou os seus adversários literalmente "alagados" sob uma fragorosa derrota.

E aí, aproveitando a "troca de figurinhas" o Belmiro falou do motivo de minha ida ao Rio de Janeiro, na busca de uma colocação para o meu irmão.

Homem forte que era na Direção Geral, o sr. Bonifácio, do alto da sua condição de Chefe do Gabinete da SUPER, alinhou para nós que era muito difícil estabelecer um critério para a nomeação de contínuos, ascensoristas e serventes, por conta, inclusive, de uma coleção de cerca de trinta mil pedidos registrados no seu gabinete, a maioria deles enviados por políticos.

Ele, todavia, tinha um critério próprio. Procurava, sempre na medida do possível e ao ensejo do surgimento de novas vagas, examinar, com alguma simpatia, os pedidos que fossem "abonados" por funcionários do Banco.

Ele guardava, sob essa ótica, a sensação de que o candidato indicado por um colega estaria na obrigação de corresponder favoravelmente a essa confiança e, por certo, no futuro, se constituiria numa boa aquisição para a nossa Casa.

Raciocínio lógico e plenamente aceitável. Sob este prisma, o sr. Bonifácio usou de toda delicadeza e enfatizou para o Tibau:

– Sem nenhum compromisso, colega, deixa o nome do rapaz aí.

Esbanjando simpatia e polidez, o sr. Bonifácio estendeu-nos a mão em despedida, renovando ao Belmiro os votos de sucesso na difícil tarefa de comandar o cruzamento de montanhas de cheques lá no Serviço de Compensação.

Missão cumprida no Rio, satisfeito com a finura no trato revelada pelo bom colega Belmiro Tibau, restou-me, um tanto temeroso quanto ao sucesso da empreitada, encetar viagem de volta à cidade de Guaçuí. Relatando para o senhor Delácio todo o enredo da minha difícil tarefa, não consegui esconder que a nomeação do mano estava nas mãos do sr. Bonifácio e que o seu nome passaria a fazer parte de uma extensa lista de mais de trinta mil pedidos.

Voltei à rotina da minha função na agência e através de prorrogações de expediente sem custo para o Banco, procurei colocar o serviço em dia, um tanto acumulado em função da minha ausência de três dias, visto que a agência estava com carência de funcionários no seu quadro de pessoal.

Já meio esquecido da viagem que realizara quinze dias atrás ao Rio de Janeiro e, de certa forma, dando demonstração de que uma latente descrença se abatera sobre mim, encontrava-me, novamente, entregue à rotina diária: levantar cedo, banho tomado e rumo ao setor de cobrança da agência.

Só que, há poucos dias, essa rotina foi quebrada por um telefonema do sr. Delácio:

– Aquiles, vou ler pra você o telegrama que acabo de receber: "Clécio Chrispim de Freitas nomeado contínuo, ainda sem localização definida. Abraços, Tibau".

Naquele dia, barba por fazer e sem o banho matinal, disparei para a agência, onde o sr. Armando já me aguardava com a mensagem na mão e o abraço afetuoso que me tocou profundamente.

Fiz-lhe, incontinenti, o meu "discurso" de agradecimento e, em meio à intimidade que já reinava entre nós há bastante tempo, ousei fazer uma descontraída brincadeira.

– Sr. Delácio, tamanho não é documento. O que lhe falta em estatura, sobra-lhe na dignidade, na sabedoria, na competência, na honradez e no grande homem de prestígio que o senhor demonstrou ser.

Muito tempo não demandou e a agência de Cachoeiro de Itapemirim – em cuja cidade o Clecinho residia – foi acionada para submeter o recém-nomeado aos exames médicos de praxe, a fim de que, o mais breve possível, assumisse a sua função na agência metropolitana de Bom Retiro/SP.

"Caro Wilson Barcellos. A sua agência foi designada para dar posse a este meu apresentado. Faça por ele o que faria por mim. Você ganhou um grande funcionário. Abraços, Colmar Firme Coutinho".

Coube a outro irmão, o Célio, na qualidade de acompanhante, a tarefa de levar em mãos este pequeno bilhete à posse do Clecinho, em presença do Contador da Agência, Wilson Barcellos, com quem o Colmar construiu sólida amizade, quando da posse simultânea, de ambos, em agosto de 1945, na agência de Cachoeiro de Itapemirim. Mas aí, é outra história.

Se pudesse voltar no tempo, gostaria de enviar um telegrama aos Céus, pedindo ao Criador que reserve ao senhor Armando Delácio um lugar bonito, para o conforto do seu descanso eterno, e rodeado de rosas vermelhas e brancas, como as que tão bem soube aqui cultivar.

Cantinho do Associado

Em boa hora a direção do jornal achou por bem criar uma seção que pudesse acolher sugestões, textos, "causos", ou mesmo reivindicações que partissem dos nossos associados espalhados por todo o Estado. "Cantinho do Associado" foi o nome que mais se nos afigurou adequado. Criamos o quadro, e o entregamos de bel-prazer a qualquer um dos nossos 626 associados e pensionistas, como forma de uma maior interação com o corpo social. E, de plano, conferimos ao colega Ayrton José dos Santos – que, tempos atrás, marcou presença em nossas páginas como o "Entrevistado do mês" – residente em Linhares, a primazia de inaugurá-lo condignamente, publicando o interessante "causo" abaixo, de sua lavra, e que traduz uma singela homenagem a um estimado colega falecido na metade deste ano.
Parabéns ao Ayrton, e vamos conferir.

O INTRÉPIDO CAMPEÃO

Trabalhar no Banco do Brasil por trinta anos propiciou-me oportunidade ímpar na observação das insondáveis complexidades da alma humana.

Em meados deste ano, tomei conhecimento da morte do estimado colega José Carlos dos Santos Souza, portador de uma singular simpatia, e que, dentro do amplo círculo de suas amizades, era conhecido pelo simpático apelido de "Campeão".

Chegou a Linhares na década de setenta. A alcunha nasceu por sua própria culpa quando, certa vez, falava das agruras que marcaram a sua infância, integrante que era de uma família numerosa e de parcos recursos.

Situação idêntica e extensiva a inúmeras outras famílias espalhadas pelo nosso Brasil da época, como aquele interior da Bahia desprovido das condições elementares de sobrevivência. Das dificuldades transpostas ao longo de sua existência e vindo, mais tarde, a pertencer ao quadro de funcionários do Banco do Brasil, repetia, sempre, eufórico: "Eu sou um verdadeiro Campeão". O codinome, então, ficou para sempre.

Campeão, certa vez, anunciou a toda agência que iria aproveitar as férias e visitar sua velha mãe, residente a muitos quilômetros de distância. Cauteloso, cuidou de programar o passeio com muitos dias de antecedência. Alardeou aos quatro ventos a tal viagem e, com isso, criou uma perceptível atmosfera de ansiedade entre seus colegas e amigos. Na véspera do embarque, teve o cuidado de passar um telegrama à veneranda mãe, anunciando que a sua chegada se daria a qualquer momento.

Foi então que, numa sexta-feira, após o expediente, o nosso intrépido campeão partiu para a sua aventura. A intenção era viajar até o escurecer, pois não gostava de dirigir à noite. Durante a viagem, a cada vislumbre da bela paisagem que já lhe era familiar, foi prelibando as emoções que provocaria com a sua chegada.

Menino pobre, de uma região miserável, voltava à sua terra, alegre, feliz e também vitorioso. Era mais um daqueles que os habitantes locais diziam que tinha ido para o sul, e estava voltando "enricado". Saboreava antecipadamente cada instante. Antevia, mesmo, a cada detalhe narrado, a admiração estampada nas fisionomias daqueles vizinhos e amigos que teriam vindo ver o filho da terra que subira na vida.

Ao volante de carro próprio, primeiro e único, desembarcou, todo fagueiro e triunfante, na sua querida terra natal. Não seria um carro que empolgasse um proprietário mais exigente. Mas, sim, um formoso e turbinado Fusquinha, ano 60, já de segunda, terceira e talvez de quarta mão.

Esse detalhe, todavia, passava ao largo da sua curiosidade, como um quesito de somenos importância. Para ele, o nosso sempre Campeão, impado de orgulho, esse "carrinho do povo" era o mais autêntico símbolo da sua vitoriosa carreira.

E foi assim, pelas estradas da vida, permanentemente entregues ao descaso das autoridades competentes, que o nosso intrépido campeão ia rodando o seu valente fusquinha, com breves intervalos para os "pit stop" necessários ao reabastecimento e a outras necessidades prementes.

Muito tempo não demandou e, num bonito domingo ensolarado, atingiu o destino tão almejado: depois de uma leve buzinada, aportou às barras do modesto sítio onde morava a sua idolatrada mãe, dona Cedália.

Ao se aproximar da cancela, divisou um senhor ali encostado, ao que parece aguardando ser atendido. Este, após corresponder ao cumprimento, perguntou ao Campeão se ele era residente no lugar, ao que o nosso herói, de pronto, acedeu em dizer que não, e justo naquele momento, estava chegando à casa da sua dileta mãe, para uma prometida visita.

O cidadão que já se encontrava "acostado" ao muro da propriedade, sem as características de um mensageiro oficial, informou que, naquele exato momento, pretendia fazer a entrega de um telegrama endereçado à senhora Cedália. Daí, a coincidente configuração: telegrama e remetente chegaram, juntinhos, no mesmo momento. Embratel, àquela época, nem pensar.

Num átimo, um preocupante pressentimento passou-lhe pela cabeça. Seria possível? Era, sim, possível. Ele próprio, o nosso Campeão, cinco dias atrás, na condição de remetente, havia postado a mensagem telegráfica em uma agência dos Correios e Telégrafos situada numa cidadezinha erma e longínqua.

Mal sabia que, naquele tempo, esse meio de comunicação se denominava de "telégrafo com fio", cujos cabos eram acoplados à posteação da companhia fornecedora de energia elétrica. Qualquer chuva forte, acompanhada de raios e trovões, era motivo de interrupção da "linha" por vários dias.

À conta da precariedade dos serviços de comunicação dessa era distante, é impossível estabelecer-se paralelo frente à tecnologia moderna hoje dominada, no Brasil, de modo pleno, pela empresa estatal brasileira.

No retorno das férias, diante da curiosidade geral, Campeão contava as peripécias vividas durante sua visita. Destacava, entrementes, o fato da chegada, ao mesmo tempo, dele e do telegrama. Pelo atraso, falava horrores dos Correios.

Alguém, no entanto, quis saber o teor do telegrama, ao que nosso herói respondeu:

– Ora, no telegrama informei apenas que chegaria de surpresa.

– Mas, se você queria fazer uma surpresa, por que gastou dinheiro com o telegrama?

Foi então que a ingenuidade latente do Campeão se manifestou:

– Você não está entendendo nada, quando eu telegrafei que iria fazer uma surpresa estava, tão somente, me referindo à bela compra deste possante e turbinado fusquinha vermelho. E que eu não vendo de jeito nenhum.

E mais não disse, nem precisava.

AÇÃO DA CIDADANIA

Temos publicado, a cada número, algumas atividades desenvolvidas pela Ação da Cidadania. Já foi dito, também, que a AFABBES gerencia os recursos destinados a esse fundo, e que são advindos de contribuições espontâneas de colaboradores anônimos.

Estamos contabilizando, neste ano, mais os seguintes empeendimentos:

1. Em agosto foi a vez de "a felicidade bater à porta" do casal George Wanderson Machado, morador à Rua Otílio João Fernandes, Bairro da Penha, Vitória, pai da menina deficiente Cristina dos Santos Machado (assistida pela APAE-Vitória), com a construção de um banheiro digno projetado pelo engenheiro Pedro Bassini, parceiro daquela entidade filantrópica.

2. No mês seguinte, já no município de Cariacica, emprestamos ajuda na construção de uma fossa comum de 3 metros de fundura por 2,5 metros de largura, em blocos de cimento, laje com abertura para aspiração, na Rua Cipolândia nº 9, bairro Graúna, no quintal da casa onde funciona uma creche integrada ao projeto "Arca da Aliança", monitorado pela igreja católica do mesmo bairro.

Essa creche, sob a responsabilidade da comunidade "Mensageiros da Boa Nova", é gerenciada pela voluntária Maria Gorete Domingos de Souza e volta-se basicamente para a educação de adolescentes de oito a quinze anos, que ali recebem, além de sadia alimentação (bancada por comerciantes e doadores da comunidade de Graúna), aulas do curso fundamental, ginástica, música e outras.

A mão-de-obra para a construção da fossa correu por conta de colaboradores da região, enquanto todo o material necessário foi doado pela AFABBES.

3. Ainda no município de Cariacica, e em parceria com a Paróquia de Porto de Santana, o programa da cidadania beneficiou dona Edileusa Kaiser Müller, moradora carente da Rua Leopoldo Correia, 10 – Bairro Oriente, com o fornecimento de todo material necessário à construção de um novo telhado, no importe de R$ 1.000,00 (hum mil reais), conforme nota fiscal da Loja Cecília Dadalto.

A obra de dona Edileusa foi concluída e entregue à moradora em 05/10/2011. É assim que funciona a nossa Ação da Cidadania.

OBITUÁRIO

Na contramão das boas notícias que sempre procuramos levar aos nossos associados, deparamo-nos, vez por outra, com os inexoráveis eventos inscritos no calendário da vida de todos nós, que outros não são senão os falecimentos de entes queridos.

A AFABBES funciona como caudatária desses tristes acontecimentos, pois é aqui que as viúvas e parentes se amparam para a obtenção de toda sorte de orientação e busca dos direitos deixados pelo colega falecido.

Neste ano de 2011, até o encerramento desta edição, cumprimos o pesaroso dever de registrar os óbitos dos seguintes associados e pensionistas: Clécio Chrispim de Freitas, José Ferreira de Oliveira, Júlio Gonçalves de Moraes Pernambuco, Nyder Barbosa de Menezes, Leda Maria Linhares Ayres, Roberto Luiz Fonseca Meilli, Antônio Soares Fernandes, Oscar Borges de Rezende, Francisca Rezende Magalhães Cardoso, Afrodísio Carminati e Raul Nonato Barbosa de Araújo.

A todos os familiares, a ratificação dos nossos sinceros sentimentos.

CRECHE PEQUENO LAR

Novembro chegou. E com ele, também chegaram as comemorações natalinas que se espalham pelo mundo a fora, numa reverência Àquele que veio para nos salvar.

E nós, da AFABB-ES, não fugimos à regra. Estamos engajados na caravana que se confraterniza nessa época do ano e, o mínimo que podemos oferecer aos nossos associados, é uma festa que já se tornou tradicional nos anais da nossa entidade, conforme se vê em reportagem nas páginas 2 e 3 deste jornal.

Também, por "tradição", o mês de novembro tem nos propiciado alguns momentos de regozijo, quando contemplamos, na folha de pagamento liberada no dia 20, a segunda parcela do 13º salário. Para muitos colegas, funciona como um verdadeiro tapa-buracos. Para outros, mais "abonados", enseja a compra de uma cesta de natal com recheios de vários artigos importados. O que importa, entretanto, é a oportunidade do congraçamento, um congraçamento que não fosse restrito a apenas os colegas aposentados.

Desejamos que ele se estenda aos menos afortunados, aos menos assistidos, aos necessitados, enfim, a todos, de uma forma ou de outra, que estão a nos rodear.

E em volta de nós existe uma entidade que abriga quase 100 crianças carentes, em cujo horário de 07:00 às 17:00 horas, recebem todo tipo de assistência social, inclusive alimentação monitorada por nutricionista, e que se chama "Creche Pequeno Lar".

Como de outras vezes, estamos divulgando, abaixo, a conta bancária dessa benemérita instituição, gerenciada por nossa abnegada colega aposentada Marly Pedro da Silva, pronta para receber as espontâneas e benévolas doações dos nossos associados, no ensejo do crédito do 13º salário deste ano. Ficam, desde já, penhorados os agradecimentos:

Creche Pequeno Lar
Banco do Brasil S. A.
Agência 1.240-8
Conta 105.301-9

ATIVIDADES DA CRECHE PEQUENO LAR

Para os que conhecem não é novidade a atividade paralela desenvolvida por voluntárias da creche dirigida pela associada Marly Pedro. Para os que não conhecem, vale a pena a gente alinhar que é muito difícil a sobrevivência de uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, sem renda própria, e que se propõe a oferecer os serviços assistenciais de primeira linha a uma plêiade de crianças carentes, como é o caso da Pequeno Lar.

E nessa árdua missão entra em cena um pequeno grupo de dedicadas voluntárias, quase todas associadas da AFABB-ES, e que voltam as suas "obrigações" mais especificamente para trabalhos artesanais variados, cuja renda é revertida em favor da entidade.

É louvável a tarefa dessas abnegadas pessoas em prol de uma causa tão útil quão simpática. O time de voluntários – onde sempre tem vaga para mais um – é composto atualmente dos seguintes "craques" na arte de bem servir ao próximo, com desprendimento e amor: Carlota Maria Schneider Queiroz (Presidente), Marly Pedro da Silva, Lydia Regina Paiva Coutinho, Marilsa Mattedi, Maria das Graças, Débora Gusmão Santos Ferreira, Maria da Penha Calmon Rodrigues, Rita Calmon e o valoroso colaborador Roberto Calmon Rodrigues.

Corroborando estas informações, a direção da creche nos envia simpática mensagem dando conta da mais recente inovação – forminhas para docinhos –, solicitando que promovamos a sua divulgação entre nossos associados, o que, prazerosamente, estamos fazendo através desta nota. Eis o texto:

Prezado associado da AFABB-ES

"Sua festa pode ajudar crianças carentes"

As voluntárias da Creche Pequeno Lar estão desenvolvendo lindas embalagens para docinhos. O trabalho é feito em conjunto na própria creche, todas as terças-feiras, a partir das 14 horas.

Semanalmente, são confeccionados tapetes, bolsinhas e variados trabalhos manuais. No momento, estão investindo nas forminhas, que dão um colorido e embelezam qualquer mesa de festa.

A Creche Pequeno Lar foi criada por iniciativa de bancários do Banco do Brasil em 1994. É uma entidade sem fins lucrativos e é mantida graças aos voluntários. Oferece apoio pedagógico e atendimento médico e odontológico para mais de 100 crianças do bairro Divino Espírito Santo, em Vila Velha.

Entidade Beneficente de Assistência Social
Rua José Rezende Filho (Rua do Ginásio), 169
Bairro Divino Espírito Santo – Vila Velha – ES
Tel.: (27) 3349-8687 – e-mail: crechepequenolar@gmail.com

Contatos: Lydia Regina (3325-9700 / 9979-4238) – Marilsa Mattedi (9922-7020)